

jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE SÃO PAULO
Av. Eng.º Caetano Álvares, 55 — Tel.: 856-2122 (PABX) — CEP 02598-900
São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01065-970 SP — E. Telegráfico ESTADO
Telex 011.23511 — Fax 265-2297



Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

Diretor Responsável
RUY MESQUITA

Diretores

Júlio de Mesquita Neto
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
Ruy Mesquita
César Tácito Lopes Costa
José M. Homem de Montes
Oliveiros S. Ferreira

Diretor de Unidade
Ruy Mesquita Filho

Diretor de Redação

Fernão L. Mesquita

Diretor Executivo

Fernando L. Mitre

Editor Chefe

Celso Kinjô

Diretor Superintendente

Francisco Mesquita Neto

Diretor Comercial

Roberto Crissiuma Mesquita

Diretor Agência Estado

Rodrigo L. Mesquita

Saldo de agosto

Agosto, um mês tradicionalmente considerado agourento em nossa vida pública, iniciou-se este ano sob um clima dos mais sombrios, no plano econômico, e terminou com um ambiente francamente otimista com relação ao equacionamento da mais grave crise já enfrentada pelo País. O responsável por essa mudança é o ministro Fernando Henrique Cardoso, que, há pouco mais de três meses no comando da economia brasileira, vem dando sucessivas mostras de enorme habilidade política, ao conseguir consolidar cada vez mais sua posição em meio às crises deflagradas pelo presidente Itamar Franco, pelo Congresso e pelos governadores, muitas delas por motivos menores, mesquinhos e eleicoeiros.

No início de agosto, quando os meios econômicos e financeiros estavam assustados e inseguros com as divergências entre o presidente da República e o então presidente do Banco Central, Paulo César Ximenes, por causa da questão dos cheques pré-datados, Fernando Henrique surpreendeu indicando o nome do respeitado economista Pedro Malan para o lugar de Ximenes e o nome do igualmente respeitado economista André Lara Rezende para o lugar do próprio Malan, como negociador da dívida externa. E agora, no final de agosto, Fernando Henrique voltou a surpreender, aproveitando a trapalhada política gerada pelo governador Fleury Filho, em função da luta interna pelo controle do PMDB, para indicar o economista Pêrsio Arida para a presidência do BNDES.

Com essas indicações, o ministro Fernando Henrique Cardoso conseguiu montar a mais preparada, coesa e competente equipe econômica dos últimos tempos. Inicialmente, ele nomeou para os postos mais importantes do Ministério da Fazenda alguns dos principais professores do Departamento de Economia da PUC do Rio de Janeiro, como Edmar Bacha, Gustavo Franco e Winston Fritsch. Embora tenha encontrado já preenchidas as diretorias dos organismos financeiros federais e a chefia da Receita Federal, Fernando Henrique soube criar com elas um excelente relacionamento. E, agora, traz de volta para o poder dois dos economistas mais respeitados de sua geração e com uma importante experiência em matéria de controle da inflação e estabilização da moeda, pois foram os idealizadores do Plano Cruzado, há quase oito anos.

A explosão das bolsas de valores de todo o País, ao final da semana passada, foi um reflexo positivo das acertadas decisões do ministro da Fazenda. Pode parecer estranho que a recomposição da antiga equipe do fracassado Plano Cruzado provoque expectativas otimistas nas bolsas de valores. Acontece que, ao recompô-la, Fernando Henrique teve

o cuidado de expurgá-la dos economistas que, como é o caso de João Manuel Cardoso de Melo e Luís Gonzaga Belluzzo, estavam interessados menos na estabilização econômica do País e mais em atender aos interesses eleicoeiros do PMDB. Se esse plano acabou não dando certo "por muito pouco", como hoje reconhece o ex-presidente e senador José Sarney, é porque seus principais arquitetos foram impedidos, por razões de ordem exclusivamente político-partidária, de executar sua etapa mais importante, que envolvia a reforma estrutural do Estado brasileiro.

Obrigados a deixar o governo Sarney por causa de suas divergências com os economistas peemedebistas, desde então André Lara Rezende e Pêrsio Arida não hesitaram em fazer uma longa e exaustiva análise dos erros então cometidos, concentrando seus estudos no desenvolvimento de alternativas para utilizar os ativos públicos para resolver o problema da dívida interna. E agora, com mais maturidade e uma salutar experiência no setor privado, voltam para o governo com a plena consciência de que o equacionamento da crise econômica passa, obrigatoriamente, pela aceleração das privatizações das estatais e pela inteira reorganização da máquina governamental. A primeira medida tomada nesse sentido pelo ministro da Fazenda, logo após a posse de Pêrsio Arida na presidência do BNDES, na sexta-feira, foi entregar a ele a direção executiva do Programa Nacional de Desestatização.

Quando economistas tão talentosos e afinados se encontram reunidos em cargos estratégicos, no governo, renasce a confiança nos resultados do plano de combate aos fatores estruturais da inflação, que permitirão o anúncio, em breve, do ataque à desindexação, por mais que o ministro da Fazenda continue afirmando que não fará nada de excepcional ou de heterodoxo. E, se as bolsas de valores estão reagindo positivamente, quando no passado despencavam, é porque estão convencidas — elas que são o principal termômetro das oscilações econômicas — de que a época dos choques inconseqüentes, sob a forma de demagógicos congelamentos, já acabou.

Tendo enfrentado com habilidade a pressão dos governadores, enquadrado com firmeza os bancos estaduais, negociado de modo competente as dívidas dos Estados, encaminhado com competência o acordo da dívida externa, persuadido os líderes do PMDB a apoiá-lo e montado uma equipe técnica homogênea, criativa e respeitada, o ministro Fernando Henrique Cardoso vem dando mostras de que o fim da crise econômica, que parecia uma utopia, pode estar mais próximo do que se imagina.